

Excelentíssimo Senhor Presidente da Academia Nacional de Medicina

Acadêmico Professor Jorge Alberto Costa e Silva

Excelentíssimo Senhor Ex-Presidente da Academia Nacional de Medicina

Acadêmico Professor Pietro Novellino

Prezados Membros da Diretoria da Academia Nacional de Medicina

Senhoras Acadêmicas e Senhores Acadêmicos

Família Rezende e em especial o ilustre recipiendário da noite Professor

Jorge de Rezende Filho

Minhas senhoras e meus senhores

Não fora a alegria com que recebemos cada novo companheiro e eu vos diria que esta é a vossa festa. Hoje, tudo aqui é vosso, ou para vós, pois assim nos habituamos a acolher os que transpõem os umbrais desse Templo de Cós, e que chegam para o nosso convívio de cada dia. Em verdade sei que é a vossa grande festa espiritual, aquela que cada um de nós imaginou algum dia. Certamente tereis acalentado aquele sonho que me faz lembrar esta página de René Doumic:

*“Inicialmente é uma vaga ideia encontrada pelo meio do caminho da vida, menos uma ideia do que um desejo, sonho ainda remoto. O futuro imortal distingue-se, porém, na sua carreira, na*

*qual tem posição de relevo. Seu nome começou a circular sobre os lábios dos homens. E de vários lados lhe chegaram solicitações. Os de seu círculo admiram-se de que ainda não haja pensado na Academia, sugerem-lhe que deveria apresentar-se, e, fortalecendo-lhe o ânimo, graças à fácil difamação, insinuam que faria melhor figura do que muitos outros. Sem dúvida, ele não cede logo a essas vozes tentadoras; mas são vozes de sereias, muito agradáveis para que se recuse por muito tempo a escutá-las. A ideia toma corpo, deixa de parecer-lhe presunçosa; habitua-se a ela: ei-lo virtualmente no prélio.”*

Bem verdade vossa gênese repousa na nobre heráldica hipocrática iniciada por seu pai – Jorge de Rezende – a quem essa Academia lembra com carinho. Era natural que em vossa infância, época em que as tendências de cada qual nos levam, sem modéstia nem jactância, aos postos mais humildes, como às situações mais culminantes, deixasse entrever, mesmo incutir, a sadia ambição de pertencer a esse honrado e mais que sesquicentenário sodalício médico brasileiro.

Agora, depois de dizer-vos da alegria com que vos recebemos, cabe-me falar de vós. Por sinal, não fosse a necessidade de atender velha praxe,

não precisaria fazê-lo, tantos e tão notáveis são os títulos e as excepcionais qualidades que vos adornam a invulgar personalidade.

Sendo essa Academia vosso destino, desejo herdado e por certo cultivado, era preciso desde imberbe prepará-lo para essa hercúlea investida. Do que não se deve prescindir para ser Acadêmico é ser letrado. Para tal, regozijo proclamar que vossa educação foi primorosa. Abençoado pelos jesuítas, conheceu as letras no Colégio Santo Inácio em Botafogo, não vos afastando de sua mística espiritual ao adentrar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, outrora do Brasil, dos idos áureos da Praia Vermelha. Essa instituição nasceu Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro, incrustada no Morro do Castelo, abrigada no local do primevo Colégio dos Jesuítas, nas dependências do Hospital Real Militar e Ultramar. Lá inaugurou o Ensino Médico no Rio de Janeiro o cirurgião Joaquim da Rocha Mazarém, lente da cadeira de anatomia, e também responsável por lecionar o curso de ligaduras, operações de cirurgia e partos. Foi Mazarém, assim, o Patriarca da Obstetrícia no Brasil, cujo nome merece ser incensado nessa noite gloriosa em que vós, herdeiro dessa Arte, ascende à Casa de Soares de Meirelles.

Vossa trajetória na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro foi exemplar. Desde cedo deixou entremostrear vosso

pendor pela Obstetrícia. Veio logo aninhar-vos sob minha tutela, talvez pela proximidade de ideias, já que quase meia centúria o separava de nosso Rezende. Palmilhamos juntos as galas pela introdução da Medicina Fetal no Brasil, e compartimos alguns pelourinhos pela ousadia de modificar o paradigma da Clínica Obstétrica.

Já Hipócrates, logo alcançou o Magistério Superior, exercendo-o como um Sacerdócio há mais de 5 lustros. Vossas pregações no púlpito sagrado da sala de aula eram cálidas orações em que vicejavam o respeito à “última flor do Lácio” e à boa Doutrina Obstétrica. Esta excelência do vosso mérito é tão evidente que, onde vos achais, reunião de confrades, congregação de doutos, congresso de sábios, sois a voz dos vossos pares para a tradução do sentimento ou das ideias comuns. Se as ocasiões são de responsabilidade, se falais a forasteiros ou a poderosos, colegas por convencer ou alunos a doutrinar, nunca vos esqueceis entretanto as flores do espírito erudito e as graças da toada literária, citação própria e anedota adequada que esmaltam como gemas raras os vossos conceitos, no encanto de boa e bela concordância. Sempre bem posto, de gravata como o pai lhe exigia, de avental sempre alvo e impecável, Jorge de Rezende Filho está fazendo sua Escola Obstétrica na Maternidade Escola de Laranjeiras.

Nessa mesma Maternidade, centenária, a primeira criada no país, floresceu Fernando Augusto Ribeiro de Magalhães, Patrono da iluminada Cadeira 67, vós sois agora detentor *ad perpetuam rei memoriam*. Magalhães foi o maior obstetra entre nós. **Príncipe da Obstetrícia Brasileira**, no dizer de Rezende-Pai:

**" Quem quiser falar no caminho trilhado pela Tocologia brasileira, há-de repetir, a cada passo, e a mal de seu grado, o nome de Magalhães. "**

A despeito da verrina dos medíocres, Magalhães transmutou a Operação Cesariana, cirurgia bissexta e mortal, em uma estratégia obstétrica humanista que garantia ventura ao produto desafortunado ante a força das manobras impuras. Essa mesma cirurgia foi embelezada por Rezende-Pai, que lhe instituiu a incisão estética arciforme transversa, a incisão de Pfannenstiel, que deu singeleza à tomotocia milenar. A vós Rezende-Filho, coube desvendar os mistérios do feto no claustro materno, antevendo-se-lhe o infortúnio, lobrigando a imponderável tragédia e antecipando o vagido outrora impossível.

Mas, e para além, como lobrigar de vosso espírito apostolar que fez rejuvenescer o maior legado de seu pai – a principal obra iluminista da

nossa Arte – o tratado *Obstetrícia!* Essa notável obra enciclopédica, escrita para doutos, é admirada por todos, incensada até pelos apedeutas, porque ainda quando não penetrem na substância, forram-se na essência literária que lhes dais por companhia. Se não fosse do vosso natural o recato, poderíeis como aquele latino vos gabar, tínheis na aspereza dos assuntos técnicos, onde tudo são maranhas da dificuldade, posto aquele jeito de estilo que simplifica e esclarece, porque da clareza é ornato a brevidade, o *scribendi ordinem* que era tanto da ufanía de Marco Túlio. Esse talvez seja vosso maior legado: transmitir aos Millennials da geração Y, em uma linguagem acessível, mas ainda escoreita e asseada, o cuidado integral à saúde da mulher e do concepto, em uma perfeita conexão e sintonia com a saúde e integridade do binômio materno-fetal.

Amadurecido pelas pelejas da vida, forjado nas dificuldades hipocráticas, credenciado pela Cátedra da *Cadeira de Partos, Moléstia das Mulheres Pejadas e Paridas e dos Meninos Recém-Nascidos* da gloriosa Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, eis que era chegado o tempo de vossa aspiração maior – a chegada a esse Silogeu de *Ophiuchus*. Éreis, e devíeis ser de fato um dos nossos. Não vos importe, pois, que não há como fugir à contradição humana, que alguém, alguma discrepância no juízo finja olvidar o vosso Magistério e só recorde que sois um asclepiades. É

antiga a restrição e será eterna. Ela é natural, senão justa. É a da privação do merecimento contra aqueles a quem ele sobeja.

Embora natural – vossa chegada entre nós foi uma cruzada. Na Academia só ingressa aqueles que são bem vindos e que logrem êxito após escrutínio minucioso e sufrágio universal.

Ah! O voto... Eis a fonte dos nossos sofrimentos.

*“A contagem”, escreveu Doumic, “é a grande máquina de fazer decepções; ela será o ponto de partida de todas as recriminações.”*

Não lembrou Maurois, nas suas Memórias, haver candidato que, tendo a certeza de vinte e sete votos, apenas alcançou três?! Na realidade não há candidato derrotado – e frequentemente até os eleitos – que se não considere traído. Nem há como impedir que medrem todas as lendas e fantasias a propósito da insegurança ou fluidez das promessas eleitorais dos acadêmicos. Que fazer se tomam a simples cortesia por inabalável compromisso? Daí os equívocos, os mal-entendidos, as incompreensões, que não custam em transformar-se em áspera objurgatória. E devemos confessá-lo que nos têm feito mal, pois, não raro, atemorizam alguns daqueles que desejaríamos entre os nossos. Assusta-os o mistério ou a proclamada dubiedade dos votos acadêmicos.

Infelizmente poucos aceitam a hipótese do insucesso. Quantos, que estimaríamos aqui sentados, não evitam a nossa porta, e passam ao largo, esmagados pelo espectro de possível mau êxito? Aqui, me lembro de Octávio Rodrigues Lima, meu primeiro Mestre, que nunca procurou esta Casa, na verdade, foi apenas agraciado como Membro Honorário. Catedrático de Obstetrícia da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil e Diretor da Maternidade Escola de Laranjeiras, sucessor que foi de Magalhães, era homem da sociedade no dizer de Rezende-Pai, poliglota, **“o último dos parteiros das princesas de Petrópolis”**. Por isso, e antes de tudo, louvo, Professor Rezende, sua coragem para enfrentar o crivo dos mais notáveis médicos brasileiros. Sois vencedor. Hoje receberás seu prêmio.

Da mesma forma, cabe-me uma palavra de congratulação pela bela campanha feita pelos colegas José Horácio Costa Aboudib Junior e Carlos Oscar Uebel. Apresentar o nome ao berço da tradição médica no Brasil é desafio para poucos. Louvo ainda suas instituições que foram bem representadas e devem se orgulhar de seus filhos audazes. Oxalá melhor ventura possa bafejá-los em oportunidade futura – vez que essa casa tem os braços abertos àqueles que aspiram estar entre os justos e bons na Medicina.

Ao transpor os lindes da Imortalidade, sois acolhido como um dos nossos. Espero que não vos assusteis. Contudo, para não incidirdes no erro tão frequente de imaginar que conheceis a nossa Academia, desejo advertir-vos que ela é misteriosa. Aprendei os rituais, sentis as normas, vivei os hábitos, valorizai os protocolos, imbuídos das formalidades, mantiveis a etiqueta, conservai o cerimonial. Nunca vos esqueça: a Academia outorga-lhe Origem, Linhagem e Tecitura e Savoir-faire. Portai-vos sempre à altura dela e de seus pares.

Em tempo, faço-vos duas recomendações, que considero as evocações derradeiras dessa oração protocolar. A primeira delas diz respeito a vosso compromisso com nossa, e agora também vossa, Academia Nacional de Medicina. Faça dela vossa casa! Participe de suas reuniões. Não vos acomode em apenas compor a eurritmia do pensamento – transgrida-o pelo bem da Ciência, da Medicina, da Obstetrícia e da vida das mulheres dessa Nação e de nossos futuros brasileirinhos. E o derradeiro pedido, é que modele os discípulos para fazer vosso sucessor. Assim como Rezende-Pai me cunhou, eu procurei guiar-vos pelos impérvios caminhos que vos trouxeram até essa noite. Oxalá possa dedicar a um dos vossos assistentes, o jovem e brilhante Dr. Antonio Braga, que tanto nos tem ajudado em tudo, que foi um prestimoso aliado em vossa

venturosa e vitoriosa campanha, para que ele possa, um dia, ser recebido por vós, dentre os grandes, nesse mesmo Salão de Glórias imemoriais.

Minhas senhoras e meus senhores. Amigos Acadêmicos. Obrigado por permiti-me viver essa noite de plena alegria.

Vida longa a Jorge de Rezende Filho. Que desfrute as merecidas honras dessa Academia. Que faça por merecer a confiança daqueles que te abraçam hoje. Que seja um Guardião da Medicina, um Bastião da boa Obstetrícia. Que nossa Escola Obstétrica seja Imortal. Nela repousará nossa memória. Ela sim refletirá nossa História. Por ela, de fato, e ao lado dessa Academia, doravante, é que seremos, por direito, Imortais.

Quanto a mim, lembro-me das palavras de Paulo (II Timóteo 4:7):

*" Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé."*